

IMPORTÂNCIA AO SE CONSIDERAR A AFETIVIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E SEUS BENEFÍCIOS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Leila Maria Garcia Ruyz¹

Orientadora: Profa. Ms. Ana Cecília Oñativia²

RESUMO

Quando se pensa na educação global de uma criança, não se pode supor ações fragmentadas, isoladas, desvinculadas de responsabilidades e importância, sejam essas informais, formais, afetivas ou emocionais. É preciso atribuir valorização aos diferentes contextos educacionais pelos quais a criança passa, principalmente às parcelas colaborativas e essenciais de parceria entre a escola e a família, indubitavelmente cruciais no processo de formação da criança. Vale lembrar que através de gestos de carinho e afeto pode-se conseguir cativar uma pessoa e assim ampliar espaço na contribuição do seu desenvolvimento. Pais e professores precisam se conscientizar da inquestionável relevância que a afetividade produz na vida de uma criança. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a atuação da escola, do quanto às relações de afeto contribuem para o cultivo crescente da autoestima, cujo favorecimento gera laços inquebrantáveis para uma convivência harmoniosa que resulta em uma positiva evolução. Sendo assim, é fato que as emoções vividas certamente determinarão o crescimento global de cada ser, sendo no encontro dos pares no ambiente escolar em tantas interações, no enriquecimento de vivências emocionais distintas, com resultados tantas vezes desiguais, porém não menos importante, partindo-se da premissa ao concluir que a escola lida com uma constante diversidade. É sabido que a instituição escolar busca cumprir funções, determinações preestabelecidas no cumprimento de metas e objetivos. Há, portanto uma variedade de emoções e sentimentos múltiplos internos e inerentes a cada sujeito em particular, entendendo que vivências, emoções e sentimentos concorrem atrelados às aprendizagens. Os professores, não podem em tempo algum perderem de vista de que tem em suas mãos o poder de educar e jamais esquecerem de que o amor é peça fundamental nesse longo e gratificante processo de crescimento humano.

Palavras-chave: Afetividade, aluno, professor, escola, desenvolvimento.

¹Graduada no curso Normal Superior e pós-graduada em Psicopedagogia. E-mail: leilaruyz@hotmail.com

² Mestre em Psicologia da Educação. E-mail: aonativia@prof.unisa.br

INTRODUÇÃO

A conexão que caracteriza o ensinar e o aprender acontece a partir dos vínculos entre as pessoas e se inicia na esfera familiar. A base dessa relação é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que o bebê provoca o adulto, garantindo assim os cuidados necessários para sua subsistência; o que Wallon denominou como simbiose afetiva. Mais tarde, os sentimentos passam a ser expressos através das palavras, dado o advento e apropriação da linguagem incorporada pela criança.

Tendo em vista, que todo processo educacional da criança exprime a constituição de um sujeito, a criança, seja em casa, na escola ou em qualquer outro lugar, se estabelece como ser humano único, mediante suas experiências com o outro. A construção do que é real acontece pela interação de informações e desafios sobre as tantas e quantas coisas do mundo, mas a perspectiva afetiva nesse construto irá perdurar para sempre.

Se pensarmos no quanto a aprendizagem é repleto de sentimento, e é ao se refletir sobre essa afetividade frente ao processo de aprendizagens que se pode perceber com pesar, o quanto essa temática passa despercebida por alguns professores e ou demais profissionais da educação quando desconsideram o rico e importante tecido emocional trazido por seus alunos.

Assim, enquanto educadores e conhecedores que somos ou deveríamos ser, (quando abraçamos com compromisso, responsabilidade e amor por essa profissão) quanto à evolução cognitiva da criança desde a mais tenra idade, no que perpassa os ganhos emocionais advindos da interação familiar ao encontro do convívio escolar, a nova inserção social do indivíduo, torna-se imprescindível jamais desconsiderar o envolvimento e tamanha bagagem cognitiva e emocional que sustentam a importante relação escola/família/aluno, que concomitantemente apresentam uma imensa responsabilidade na educação da criança.

Entender e valorizar, portanto, a família, enquanto referência inicial nas concepções de valores emocionais e culturais entre tantos outros, responsável pelo

acúmulo de competências informais de conhecimentos, essa tão relevante no avanço, ou não, da aprendizagem formal dos seus filhos.

Nesse sentido, arraigados da forte caracterização escolar enquanto espaço privilegiado e da possibilidade de ampliação desse ambiente reflexivo e que contribua indubitavelmente na apropriação do afeto enquanto facilitador na construção de valores, autoestima e a autoconfiança, como influências muito positivas e fundamentais no processo ensino-aprendizagem.

É nesse recorte meditativo, que o estudo da Neurociência na Educação desponta de encontro às necessidades dos professores inquietos, que desejam desenvolver uma fundamentação técnica e científica, orientadas na anatomia e na fisiologia neural da aprendizagem, promovendo então uma maior compreensão de como o cérebro aprende e é responsável na construção do sujeito sem deixar de lado suas dimensões biológicas, psicológicas, afetivas, motoras, social e emocional.

CAPÍTULO I – CONCEPÇÕES E IMPORTÂNCIA DO AFETO

Ao referir-se a esse tema, indubitavelmente torna-se impossível deixar de remeter-se às teorias de base para que se possa entender sobre o desenvolvimento e sua importante relação na aquisição e ganho cognitivo X afetividade.

Muitos autores conceituam a afetividade como um espectro de fenômenos mentais, sentimentos e emoções que influenciam os comportamentos humanos dependendo dos estímulos externos e internos e a capacidade diante de cada reação individual.

No dicionário Caldas Aulete online (2017), o verbete afetividade encontra-se assim definido: “Qualidade, característica ou condição do que ou de quem é ou se mostra afetivo”. “Conjunto de fenômenos de natureza psíquica que envolve emoções e sentimentos”. “Capacidade ou susceptibilidade (de alguém) de reagir com ou manifestar facilmente emoção, sentimento etc.”

Embora a formalidade da definição não permita finalizar um conceito fechado da ideia em questão, basicamente já se começa aqui a permear o pensamento e compreensão de que a afetividade exerce um papel essencial e buscando a visão de alguns autores, percebe-se o quão fundamental se apresenta nas relações psicossomáticas básicas, quando influencia a percepção, a memória, o

pensamento, vontade e a ação, sendo um componente crucial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

Os estudiosos pesquisadores desta área do conhecimento concordam que os estados afetivos fundamentais são as emoções, os sentimentos, suas inclinações e paixões. Os sistemas afetivos e cognitivos do ser humano são indissociáveis. Um está ligado ao outro no processo de desenvolvimento de cada indivíduo.

Compreendemos então, o quanto a afetividade abrange sob a perspectiva de conceito de valorização da vida, tudo que está fora de nós, como os acontecimentos, bem como os que estão dentro de nós (questões mais subjetivas), nossos medos, conflitos, desejos etc. Da mesma forma, o enaltecimento que se pauta em fatos e acontecimentos pertencentes ao nosso passado atrelados a nossa visão projetando um cenário futuro.

Nesse contexto, não há como deixar de trabalhar os sentimentos sem tratar paralelamente de nossas lembranças ou memórias, zelar com cuidado dos inúmeros registros que compõem cada uma das tantas histórias de vida. Cury nos instiga a pensar um pouco mais, (2003 p.112)

A memória humana não está disponível quando queremos. Quem determina a abertura dos arquivos da memória é a energia emocional que vivemos a cada momento. O medo a ansiedade e o estresse travam os arquivos e bloqueiam os pensamentos.

Nossas emoções, nosso sentimento e nossa história sendo produzida, construída, edificada a partir de e para o uso das memórias...

Conseguimos compreender melhor o ser humano quando o entendemos como um ser sociável, que interage com seus pares. E é sobre tal afirmação que Piaget nos escreve: "O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis." Yves de La Taille (1992 p 12).

Sendo assim, entende-se que o nível de pensamento e de raciocínio dos indivíduos, na visão piagetiana, que se altera com a idade e os conhecimentos adquiridos durante a infância e adolescência e com isso aprendem a interagir, argumentar de forma mais variada, mantendo uma troca intelectual com pessoas da

mesma faixa etária, com grande participação do lado afetivo, realizando atividades durante todo desenvolvimento, favorecendo novas construções, o aprender sobre cooperação nas socializações e transmissões de conhecimentos integrados às essas novas relações.

Piaget também enfatiza o fato de que o afetivo sozinho não modifica as estruturas cognitivas, mas ressalta as importantes influências do conceito piagetiano de afetividade, uma espécie de "energia" que motiva o ser humano e que propulsiona suas ações.

Em outra teoria, a de Vygotsky, questiona-se a divisão entre as duas dimensões: afetiva e cognitiva. Ressalta o aspecto afetivo no indivíduo e de que existem dois pressupostos que descrevem o lugar da afetividade na pessoa. Tanto uma como outra busca a pessoa como um ser inteiro. Sendo assim não há como separar interesses afetivos dos intelectuais isoladamente: La Taille. (1992, p.76)

Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.

Já em uma das grandes contribuições, a da teoria de Wallon, centra a consideração do desenvolvimento humano e das emoções. Para ele as emoções são imprescindíveis para a sobrevivência humana, como já vimos anteriormente, desde os anos iniciais de vida, um indivíduo as utiliza para comunicar suas necessidades. A afetividade tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da personalidade.

O processo que começou pela simbiose fetal tem no horizonte a individualização. Paradoxalmente, poder-se-ia afirmar desta individuação que ela vai de um tipo de sociabilidade para outro, através da socialização. Não há nada mais social do que o processo através do qual o indivíduo se singulariza, constrói a sua unicidade. Quando ele superou a dependência mais imediata da interpessoalidade, prossegue alimentando-se da cultura, isto é, ainda do outro, sob a forma, agora, do produto do seu trabalho. Poderá agora "socializar-se" na solidão. Este longo caminho leva de uma forma de sociabilidade a outra. Nunca o ser "geneticamente social" a que se refere Wallon poderia passar por uma fase pré-social. O vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa que vem da articulação de pontos de vista bem diferenciados, o contágio afetivo cria os elos necessários à ação coletiva. Com o passar do tempo, a esta forma primitiva se acrescenta a outra, mas,

em todos os momentos da história da espécie, como da história individual, o ser humano dispõe de recursos para associar-se aos seus semelhantes (1992, p. 97).

Ao entender tantas relações, nossa acuidade sensível e cuidadosa, consegue calibrar nossa visão das coisas todas. É o que entendemos como pertinente às reflexões quanto ao que passar pela vida, o aprender num contexto amplo, requer entrega, confiança e desejo contínuo pelo novo. A estabilidade emocional enriquece as relações, estreitam “distâncias”, favorecem o trabalho com as realidades individuais do sujeito, suas lembranças e retomadas iniciais de suas mais valiosas e significativas experiências enquanto um ser único na sua totalidade e seus anseios mais íntimos e particulares dando lugar as suas realizações.

CAPÍTULO II – A FAMÍLIA COMO BASE EMOCIONAL E INTELLECTUAL

Não há como falar em família sem que o termo remeta às inúmeras mudanças de cenários ocorridas nesse núcleo ao longo do tempo. Essa reestruturação familiar se deu por incontáveis motivos, que vão desde fatores econômicos, culturais, sociais entre tantos outros.

Tradicionalmente, o conceito de família, é compreendido como ideia de grupo, e estabelecida com a composição de pai, mãe e filhos, porém é possível perceber uma maior amplitude nesse quadro, entendendo um grupo de pessoas além de parentes, que compartilhem a mesma residência e estabeleçam um nível afetivo de relacionamento; e com pais que não necessariamente morem juntos.

Também a ocorrência da emancipação da mulher, alterou a realidade desse conceito, que além dos direitos, equiparou as responsabilidades do casal, e hoje não mais se aplica apenas ao pai as atribuições de mentor, provedor e organizador da família. O casal agora sai para trabalhar, compartilha dessas responsabilidades, objetivando melhores condições de vida e dignidade para criar e dar uma boa educação para os filhos. Obviamente, com toda essa descentralização de atividades e em boa parte do tempo fora de casa, desviam-se muitas das atribuições realizadas pela mãe, restringindo as interações mais efetivas com os filhos e conseqüentemente, direcionando-as à escola.

Sendo assim, entendemos a família como o primeiro núcleo de interação: a do aprender, a de construção de valores culturais, sociais e emocionais, e mesmo considerando a atual realidade capitalista e o culto à subjetividade, é única e insubstituível. Segundo Chalita (2004 p.20) “É responsabilidade da família, formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos”. É na concepção de tais referências que a criança desenvolve sua autocrítica, autonomia, aprende com os diálogos, construindo a almejada educação impregnada de valores internalizados e importantíssimos na atuação e prática no mundo

Portanto, independentemente da configuração ou modelo familiar, suas possibilidades ou impossibilidades nessa perspectiva de crescimento cognitivo e moral, o estar junto, e por que não estar junto no ambiente escolar também? É preciso avaliar, refletir para pensar em mudanças, redirecionamentos. Sendo assim, a família tem o propósito de manter suas inter-relações, garantir a proteção dos seus membros num elo de lealdade e afeto.

Contribuir para compreensão do processo de aprendizagem implica então na parceria e atenção da família em ações cotidianas. Zagury, (2008 p. 177) elenca a criação de hábitos apropriados:

- Prestigie as tarefas escolares;
- Arrume um espaço que será o local de estudos do seu filho;
- Demonstre orgulho e prazer;
- Combine com a criança, horário das tarefas;
- Sua tarefa é supervisionar, atenha-se a ela;
- Lembre-se que nenhuma criança obedece a tudo, sempre;
- Quem está realmente imbuído do propósito sempre arruma um jeito;
- Cuidar não é espionar;
- Elogio, a melhor arma;
- Tenha paciência;
- Não espere que seu filho acerte todo o trabalho;
- Explique o que seu filho lhe perguntou, e apenas isso.

Das muitas maneiras possíveis em que a família participe da vida escolar dos filhos e de sua evolução cognitiva, o acompanhamento das tarefas de casa requer um olhar especial, a fim de uma melhor integração no processo de aprendizagem.

A lição de casa não deve ser encarada como problema, mas como um bom momento para pensar, refletir, revisar, reforçando o que aprendeu na escola. Segundo a autora citada, é importante prestigiar qualquer que seja a atividade da

criança, que essa deve ser executada em local reservado e apropriado para esse fim, em horários pré-estabelecidos e orientados caso seja necessário; com demonstrações de satisfação ao vê-lo estudando. Estabelecer combinados relacionando horários de lazer apenas após a conclusão dos trabalhos.

Ainda que sem a presença física, os pais através desses combinados, desenvolvem nos filhos o compromisso com suas obrigações, cuidam dos resultados e devem elogiar pelo cumprimento dos compromissos. Aos poucos o hábito vai sendo adquirido, fazendo parte do cotidiano da criança que refletirá diante de seus erros e acertos exercitando sua autonomia, valorizando diálogos, trabalhando as emoções.

Embora se saiba que a ação educativa possua especificidades distintas a cada um dos núcleos, seja familiar ou escolar, com suas aplicações singulares de métodos, conteúdos, sentimentos, concepções; Cury (2003 p.23) enfatiza:

O que seus filhos registram de você? [...] Tudo que é registrado não pode mais ser deletado, apenas reeditado, através de novas experiências sobre experiências antigas. Reeditar é um processo possível, mas complicado. A imagem que seu filho construiu de você não pode mais ser apagada, só reescrita. Construir uma excelente imagem estabelece a riqueza da relação que você terá com seus filhos.

Evidentemente, cumpre-se aí a marca deixada nos filhos, as lembranças afetivas que se estabelecem ao longo dos anos, frente às implicações atitudinais, relação de vínculo e na manutenção da educação também emocional.

Há de se lembrar o quanto os pais são observados e tidos como referência pelos filhos e é inegável o quão decisivo e primordial é o papel da família da educação, na interiorização de valores éticos e morais, cerne da concepção e aprofundamentos afetivos, com base solidária, altruísta.

É necessário que os pais demonstrem aos filhos o quanto eles são importantes. E isso se dá através de atos de carinho. Gestos de amor vindos dos pais fomentam a capacidade de que os filhos se sintam seguros e felizes. Tiba esclarece que “Os pais podem dar alegria, conforto, satisfação e roupas da moda para os filhos, mas não podem lhes dar felicidade. O que os pais podem fazer é alimentar a autoestima dos filhos, que é a base da felicidade” (2002, p.275).

A autoestima é determinante para que um indivíduo se realize pessoal e profissionalmente e esta se fortalece a cada afeto vivenciado.

Tiba (2002, p. 183) reforça: “Quando a escola, pai e mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos [...]” Assim, entendemos a família e escola, como parceiros atuantes no processo educacional, mas cada um com seu papel assumido e respeitado como componente essencial nessa trajetória de grandiosa importância na construção integral do indivíduo inteiro, emocionalmente estabilizado.

CAPÍTULO III – O AFETO NA RELAÇÃO PROFESSOR/ ALUNO/ ESCOLA

Retomando um quesito cronológico na trajetória da educação no Brasil, seria impossível não relacionar a posição da escola e família nos últimos tempos, ou séculos. Zagury, (2008 p.11) comenta;

O que a escola pensava, era o que os pais pensavam. O que a escola determinava ou afirmava, fosse em termos de tarefas, atribuições e até mesmo de sanções, era endossado e confirmado pela família. Dessa forma, crianças e jovens sentiam, nas figuras de autoridade que as cercavam e orientavam coesão e homogeneidade. Com isso, o poder educacional dessas duas instituições se alicerçava e alimentavam-se mutuamente.

A confiança no trabalho escolar e na família era recíproca e no mesmo intuito. Aliados, o respeito sobrepujava tanto em um quanto em outro núcleo; discursos rígidos davam o tom da autoridade exercida em cada uma delas.

Diferentemente da atualidade, o olhar dos pais em relação à escola é de certa desconfiança nas propostas educacionais, novas configurações institucionais e no trabalho da equipe escolar, sobretudo na atuação dos professores. Visão essa que se pode afirmar que apenas numa responsabilidade unilateral não condiz com a realidade.

Ainda na contribuição de Zagury, (2008), ela compara aqueles pais que reclamam das ações do professor, seja em tarefas excessivas, ou nenhuma, bem como aqueles que consideram missão cumprida o fato de estarem matriculando seus rebentos, deixando toda e qualquer formação ética ou cidadã a cargo da escola.

Embora se possa compreender, e sem encarar como regra geral, que muitos pais e mães, como já mencionado, enfrentam uma dura realidade cotidiana,

com ausências justificadas pelo compromisso com o trabalho, rigidez de horários e tempo escasso para acompanhamento da educação dos filhos, o que na maioria das vezes fica a cargo da escola, papel esse que cabe exclusivamente aos pais.

Tiba (2002 p.181), ressalva: “Para a escola, os alunos são apenas transeuntes (..). Passam por um período pedagógico e, com certeza, um dia vão embora. Mas a família não se escolhe e não há como mudar de sangue. As escolas mudam, mas os pais são eternos.” É a construção do sentimento de pertencimento infinitamente mais amplo, o papel provedor de família assumido, e essa, como mantenedora da vida, o que deve ser englobado aí, as mais diversas maneiras de desenvolvimento do ser humano como um todo indissociável.

Para que se faça efeito tal determinação, há de se pensar em mudanças na esfera educacional e a partir de novas posturas atitudinais. É preciso rever a educação que se sonha, rever formações de professores, rever e valorizar educadores empenhados na concretização dessas mudanças. O desejo que deve ser trabalhado de forma íntima, de dentro para fora, anseios idealizados e alinhados com uma prática de cunho altruístico. Repensar as relações humanas. Repleto de muita vontade. É preciso desejar...

Como Morin nos propõe (2002, p. 75):

A possibilidade antropológica, sociológica, cultural, espiritual de progresso restaura o princípio da esperança, mas sem certeza “científica”, nem promessa “histórica”. É uma possibilidade incerta que depende muito da tomada de consciência, da vontade, da coragem, da oportunidade.

Pensando então em novas posturas, culminam com a necessidade em restabelecer a confiança mútua entre escola e família, aluno e professor, em discurso coerente com tais anseios, objetivando uma relação harmoniosa. Zagury,(2008 p.13) afirma:

Se em algum lugar no meio do caminho essa relação se rompeu, devemos buscar trazer à tona as dificuldades e as razões que vêm levando a esse tipo de postura, tentando aplinar arestas e incompreensões que, por vezes, surgem da informação equivocada, veiculada por aqueles que desejam ver a sociedade esfacelada, porque, com certeza quando pais não confiarem mais na escola (e vice-versa), aí o caos estará instalado e nossos filhos perdidos.

É preciso, pois, considerar que a clientela atendida antigamente não é a mesma, os pais de hoje são mais informados sobre infinitos assuntos relacionados não somente à educação como num contexto mais global, o que não ocorria antigamente, tecnologicamente falando.

As concepções pedagógicas também mudaram, há de se prestigiar a singularidade do aprendiz, seu ritmo, o meio a que está exposto, o seu aprender a aprender, o que favorece o suporte à melhoria da autoestima. Chalita (2004, p. 8) acrescenta:

O ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmitir conhecimentos. Há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor. A relação mestre-discípulo da Grécia Antiga. O respeito à história de cada educando. A cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender. A troca continuada de experiências, de sonhos, de ideais e de amor. O amor é capaz de quebrar paradigmas, barreiras, ranços.

Do mesmo modo, a determinada e questionável maneira de educar que ainda se apresenta corrente em muitas escolas acabam por gerar uma inteligência fragmentada, fracionada, que reduz drasticamente o poder de amplitude de um olhar mais reflexivo e emocional; explica-nos Morin (2002, p. 43):

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades da compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou de visão a longo prazo. Por isso, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior é a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; mais os problemas se tornam planetários, mais eles se tornam impensáveis. Incapaz de considerar o contexto e o complexo planetário, a inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável.

O ato mecanizado, desprovido de emoção, em assuntos engessados numa perspectiva conteudista e parcelada, aliado à autoridade em cenários descontextualizados sob o ponto de vista do prazer ao aprender, não auxilia no construir-se a si mesmo diante dos fracassos e conquistas, sendo necessário o empenho quanto às iniciativas, e essas, respaldadas pelo apoio e confiança que promovam amadurecimento das competências e emoções de cada sujeito.

Ainda segundo Chalita, “Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado” (2004, p.162).

O que dizer ainda, além do carinho e desprendimento que nós educadores devemos ofertar às crianças ditas normais, no avanço pedagógico, ético no que diz respeito à cidadania, também sobre as condições atuais de acolhimento às crianças com necessidades de aprendizagens especiais? De que maneira não receber o aluno de inclusão com alegria, estabelecer a comunicação, estruturar e planejar as adequações e adaptações, vislumbrar resultados, identificar os avanços, engrandecer-se pela conquista impregnada de afeto e resiliência diante do diferente desafiador frente a nós mesmos em respeito ao outro; tendo em vista a flexibilidade do trabalho diante das tantas possibilidades, intenções, influências culturais locais e opiniões culminadas em práticas condizentes à diversidade jamais desvinculadas de afeiçoamento.

A afetividade compreende a área das emoções, dos sentimentos e a aprendizagem, área do conhecimento, da descoberta; organiza em complexos eventos definidos por processos individuais internos que se desenvolvem através da convivência humana. Tratar de afetividade e aprendizagem é tratar da essência humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, sendo assim, a afetividade, é o melhor, se não o único caminho para melhoria nas inter-relações no contexto geral das trocas entre os pares, abarcando-se nesse importante quesito às tantas intercorrências e o desejo de um trabalho eficaz mais justo e equitativo no atendimento também aos alunos tidos como “diferentes”, seja em ensino regular ou escola especializada.

Sendo assim, o processo de ensino-aprendizagem na aparência ou necessidade que se apresentar, precisa favorecer os conhecimentos prévios do aluno e suas múltiplas vivências, suas potencialidades e carências. O afeto neste contexto proporciona um bem-estar não somente para professor e aluno, mas a quase materialização no cultivo de uma educação mais humanizada voltada para a transformação.

Imprescindível assim, considerar a importância quanto ao forte elo entre afeto e cognição, e o quanto essas boas relações no ambiente escolar, que sendo mais agradável e harmônico favoreçam positivamente as aprendizagens.

Leite (2006, p.18) ainda afirma:

A qualidade da relação que se estabelece entre sujeito-objeto é também de natureza afetiva e depende da qualidade das histórias de mediações vivenciadas pelo sujeito em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida.

O ambiente acolhedor propicia o sentimento de prazer nesse envolvimento, na percepção de sua importância na composição do grupo, fortalecendo as relações com o outro e com o conhecimento e cabe ao professor prover incansavelmente os meios utilizados na manutenção dessa mediação.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças necessitam de proximidade de um adulto. Nessa perspectiva, o professor se torna fundamental para a aprendizagem dos alunos, e a afetividade a grande influência nesse processo. De acordo com Antunes (2006, p.5) a afetividade se caracteriza como:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduzem amor.

É a desconstrução e construção no processo da sua aprendizagem e criticidade frente a seus saberes valorizados e ampliados dentro do seu tempo. É, sobretudo uma mudança comportamental que reverte da experiência, portanto, uma forma de adaptação ao ambiente.

Dantas (1994, p.65) também ressalta que a afetividade influencia na construção do conhecimento, algo que impulsiona as ações, no qual o processo de aprendizagem depende do clima afetivo na sala de aula e importância da interação.

Dantas prossegue em sua explicitação:

No seu momento inicial, a afetividade reduz-se praticamente às suas manifestações somáticas, vale dizer, é pura emoção. (...) Trata-se de uma afetividade somática, epidérmica, onde as trocas afetivas dependem inteiramente da presença concreta dos parceiros (1992, p. 90).

O professor afetivo desenvolve estratégias pedagógicas, educativas, dinâmicas e criativas, demonstra prazer em ensinar, estimula os alunos, envolvendo-os nos trabalhos do grupo. O professor está centrado na pessoa do aluno,

compreendendo suas principais necessidades e incluindo-as no planejamento do ensino.

Nesse segmento do pensar, vislumbramos a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Brasil, 1996) como artigo 13 que dispõe aos docentes incumbir-se de:

- I. Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II. Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III. Zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV. Estabelecer estratégias de recuperação dos alunos de menor rendimento;
- V. Ministras os dias letivos e horas-aula estabelecidas, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI. Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e comunidade.

Entende-se, portanto que o papel do professor vai além de transmitir conhecimentos. Ao ser participante efetivo na elaboração da proposta pedagógica, idealiza critérios e planeja ações que resultem na inserção de afetividade enquanto instrumento primordial na participação do processo pedagógico.

O aluno precisa saber que tem um professor/amigo em quem pode confiar. Professores marcam para sempre a vida das crianças, seja pelo bom trabalho realizado, ou por traumas que nunca serão esquecidos. Cabe a cada educador determinar que tipo de lembrança queira deixar nos alunos que passarão pela sua vida. Chalita nos provoca nesse quesito:

Quantos alunos relembram seus grandes mestres com uma saudade gostosa, de um tempo que foi importante em sua vida? E quantos há que se lembram com pavor de alguns mestres que só lhes criaram traumas, trouxeram medo e frustração? É preciso olhar os exemplos do passado para se construir um presente e um futuro melhores. Se cada professor conseguisse lembrar do tempo em que foi aluno, das marcas positivas e negativas, dos exemplos que eram para ser seguidos ou evitados, ajudaria muito a pensar em seu papel de educador (2004, p.154).

Ao fazer uso de atitudes afetuosas no ato de ensinar, o professor transforma a escola num lugar acolhedor, incentiva o aluno a se dedicar na busca e alcance de avanços significativos a cada dia. Segundo Chalita: “O professor é a referência, é o modelo, é o exemplo a ser seguido e, exatamente por causa disso, o pouco que fizer afetuosamente, uma palavra, um gesto, será muito para o aluno (...)” (2004, p.153).

Quando o professor desempenha o papel de mediador no processo educativo e na aquisição do conhecimento pelo aluno, a ação desse professor deve ser pautada no desenvolvimento psicológico da criança e das suas necessidades. O professor assim poderá decidir de forma comprometida com o desenvolvimento das potencialidades, que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e realizada na sua aprendizagem. É a manifestação da responsabilidade e o respeito pelos sentimentos do próximo no cultivo das habilidades relacionais.

Importante compreender que afetividade não se dá somente pelo contato e carinho físico, mas pela valorização de suas capacidades, o elogio motivacional e meritocrático diante do empenho, esforço e trabalho, que favorecem a criação e manutenção do vínculo afetivo entre as partes envolvidas. Beneficiam a participação, a argumentação, o respeito pela palavra do outro, mesmo em meios aos tropeços no caminho, estimula-se substancialmente a possibilidade de amplos avanços no processo de ensino/ aprendizagem.

A educação precisa ser construída tendo como base uma parceria afetuosa entre professor e aluno entendendo que um ambiente mais alegre e afetivo motiva as interações, promove alegria, renova energias, determinante na mudança de ações, o que impulsiona o indivíduo a crescer saudável emocionalmente. Assim compreendemos as palavras de Cury, quando diz:

Na escola dos meus sonhos, cada criança é uma joia única no teatro da existência, mais importante que todo o dinheiro do mundo. Nela, os professores e os alunos escrevem uma belíssima história, são jardineiros que fazem da sala de aula um canteiro de pensadores (2003, p. 155).

É, portanto, na figura dos educadores, que se pode observar o exercício prioritário na identificação das distorções, visando a amplitude das relações aluno - família - escola, nos aspectos afetivos e ou intelectuais, atuando de maneira precisa, numa ação conjunta de responsabilidades no que diz respeito à aprendizagem dos alunos.

O relacionamento entre professor e aluno deve ser dinâmico e o educador precisa ter sabedoria para lidar com todas as situações que ocorram no cotidiano de uma sala de aula. Saber que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas um amplo envolvimento com o seu aluno que vise a sua formação almejando a busca

por sujeitos pensantes e atuantes na condução da construção do próprio conhecimento intelectual e emocional.

À luz da concepção de Chalita, (2004 p. 93):

No ensino fundamental, o aluno tem de ser formado como cidadão para desenvolver a capacidade de aprender, para compreender o ambiente natural e social, para que se fortaleçam seus laços com a solidariedade humana.

Acredito, portanto, que nesse contexto, o afeto emerge como um instrumento altamente eficaz ao estabelecer uma conexão da criança com a sensibilidade, instigada, nutrida por encorajamento e conscientização empenhada na construção de um ser mais reflexivo, crítico e solidário.

CAPÍTULO IV- A NEUROCIÊNCIA E APRENDIZAGEM – UMA SÍNTESE

O contributo do estudo da Neurociência na educação manifesta-se no sentido de compreendermos o quão valioso se apresenta enquanto recurso para os educadores. Favorece o entendimento de que as aprendizagens se dão por processos neurais, que sustentam aspectos cognitivos, motor e perceptivo.

A educação e aprendizagem se inter-relacionam ao desenvolvimento do cérebro e sua resposta aos estímulos do ambiente, ativando as sinapses, processamento das informações e armazenamento.

É o que nos diz Alvarez (2006, p.184) “Pedagogicamente, a motivação, o envolvimento do aprendiz com o professor e o conteúdo, a compreensão do funcionamento cerebral, são fundamentais para que se garanta uma aprendizagem ágil e eficiente”.

A Neurociência leva para a escola o conhecimento centrado no cérebro sobre a atenção, o medo, o humor, o esquecimento, a afetividade, o movimento, os sentidos, a linguagem, as interpretações das imagens mentais, a memória... Os neurônios, que nutrem no indivíduo humano os progressos no aprendizado. A plasticidade cerebral, ou seja, saber que o cérebro continua em contínuo desenvolvimento do aprender e as mudanças que culminam com aprendizagens e educação.

Ao tratarmos dos estudos relacionados ao cérebro e como ele aprende, nos surpreende saber o quanto ele é fantástico no trabalho contínuo e afinado de cada uma de suas partes e funções. Esse trabalho permitiu reunir o estudo e conhecimento adquirido dentre outros importantes compartimentos cerebrais, a do hipocampo resguardando as memórias, e a responsabilidade pelas emoções no sistema límbico. Respaldo importante aos educadores que visam cumprir um papel focado na mudança de postura e aplicação de novas abordagens educacionais no alcance do sucesso das aprendizagens, facilitando as inúmeras e necessárias construções, sobretudo a forma com que se estabelecem tais construções: as mentais.

Faz-se mister, portanto, que um educador deva inteirar-se sobre o desenvolvimento cerebral enquanto condição primeira da aprendizagem como um dos modos preponderantes de alterações de estruturas cerebrais e das possibilidades de reorganização, realocamento de informações e desempenho frente às contínuas exigências no processo das aquisições de novos conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a importância da família no processo educacional da criança. Esse envolvimento e sua bagagem cognitiva e emocional sustentam os atores desse recorte contextual, e juntos se responsabilizam pela educação. Todo o dito até aqui, afirma e confirma a necessidade da apropriação das influências de maneira organizada na manutenção e humanização do ser humano enquanto sujeito em escala de mudança e crescimento.

Pensando na ressignificação e perpetuação das aprendizagens advindas das famílias e instituições escolares, a preocupação na aquisição e construção de valores e influências na ampliação dos conhecimentos, é possível vislumbrar novos caminhos para a educação, ressaltar a relevância do vínculo sob a perspectiva da evolução humana.

É notório e teoricamente embasado o enfatizado até aqui; o que a realidade cotidiana educacional pressupõe quanto ao bem-estar e crescimento do aluno quando de sua valorização enquanto ser humano aprendiz em curso. Da

mesma forma, o quanto a presença dos pais comprovam suas insistências, tentativas, fracassos e sucessos, bem como do seu encontro consigo mesmo.

A criança deve ser educada em casa e na escola simultaneamente e com a mesma finalidade: a formação de um ser integral, autônomo, mais ético e realizado.

Para que o educador conheça bem seus alunos, é preciso que não se descuide dos aspectos afetivos. Importante refletir sobre a importância da afetividade em todos os momentos e nos diversos ambientes que compõem a escola considerando os anos iniciais do ensino fundamental, de modo que os alunos sejam compreendidos, aceitos e respeitados, na mesma forma que os professores possam entender seus sentimentos, com sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar suas dificuldades.

A Neurociência consegue então comprovar que os transtornos comportamentais e de aprendizagem passam a ser mais facilmente compreendidos pelos educadores com subsídios para a elaboração de estratégias menos engessadas e mais motivadoras no sentido de estimular a confiança, as emoções de maneira mais adequada a cada caso, além de conseguirem transformar vidas e participar do crescimento estável cognitivo e afetivo de cada criança confiada ao profissional de educação.

Assim, com tudo que vimos até aqui, salientamos uma vez mais a ideia de Morin (2002, p. 75) que reforça indiscutivelmente que “podemos também contar com as inesgotáveis fontes do amor humano”.

É preciso então pensar em uma escola mais acolhedora, recheada de elementos e impregnada de amor, que atenta às propostas pedagógicas através de ações, projetos e planejamentos, possa favorecer mudanças interpessoais, estabelecimento de novos vínculos emocionais e um olhar mais abrangente em torno do aluno que se espera seja infinitamente mais realizado e indubitavelmente mais feliz.

Nas palavras de Cury (2003 p.155) se desperta os anseios desse estudo:

Qual é a escola dos seus sonhos? Para mim, a escola que educa os jovens para extraírem força da fragilidade, segurança da terra do medo, esperança da desolação, sorriso das lágrimas e sabedoria dos fracassos [...]. Qual é a família dos seus sonhos? A família dos meus sonhos não é perfeita. Não tem pais infalíveis, nem filhos que não causem frustrações. É aquela em

que pais e filhos têm coragem de dizer um para o outro: “Eu te amo”, “Eu exagerei”, “Desculpem-me”, “Vocês são importantes para mim”.

Considerando a escola uma extensão da família, é importante que pais e comunidade escolar, façam uso do mesmo discurso e ações, colaborando na formação integral de seus filhos, educando-os para a vida.

É sim, possível conduzir a aprendizagem dos alunos dentro de uma proposta de educação humanística e inovadora, que também investe no amor ao ser humano, construindo o progresso afetivo, intelectual, social e psicológico de cada um. Um ser que seja capaz de pensar, compreender, aprender, descobrir, criticar, opinar, tomar decisões, agir, buscar por soluções, enfrentar as adversidades da vida, favorecer o diálogo e estar apto a conviver.

Sendo assim, é possível concluir que nesse contexto, os educadores revertam sua visão deveras mais crítica das próprias posturas, encarando o processo de aprendizagem guiado no sentido de atender não somente as individualidades existentes, mas visando as melhores condições educacionais, mais abrangentes e de cunho coletivo, no combate incansável ao “analfabetismo emocional” sem exceção, numa escola focada em trabalhar efetivamente a prática determinante de uma pedagogia menos excludente e mais afetiva.

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, A.; LEMOS, I. C. **Os neurobiomecanismos do aprender**: a aplicação de conceitos no dia-a-dia escolar e terapêutico. Revista de Psicopedagogia, São Paulo, v. 23, n. 71/2006.

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

CHALITA, Gabriel. **A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2004.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Sergio Antônio da Silva. Afetividade e Práticas Pedagógicas In:_____ (Org.). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. 1ª edição, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RUYZ, Leila Maria Garcia. **A tríade: Escola/ Aluno/ Família sob a mediação do psicopedagogo**. São Bernardo do Campo: UNISEB, 2014.

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. 56ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito**: parceria com os pais. Rio de Janeiro: Record, 2008.